

O PENSAMENTO DA IDENTIDADE NA GÊNESE DO FETICHISMO

THE UNITARY THOUGHT IN THE GENESIS OF FETISHISM

Fábio César da Silva¹

Resumo: O que proponho nesse artigo é demonstrar interpretativamente alguns pontos de conexão entre os termos *pensamento da identidade* e o *fetichismo* na filosofia de T. W. Adorno (1903-1969). Essa conexão é parte de uma elaboração, ou uma ampliação, do conceito de *fetichismo* na filosofia adorniana cuja evidência surge a partir de duas perspectivas interpretativas: [i] por uma interpretação externa à filosofia de Adorno, tal como uma história filosófica do conceito; e [i.i.] por uma interpretação interna à sua filosofia, considerando o *fetichismo* como elemento de *constelação* de seu pensamento e, conseqüentemente, demonstrando sua conexão com o *pensamento da identidade*. Enfim, nesse artigo me atarei a essa interpretação interna à filosofia de Adorno, usando a obra *Dialética Negativa* (1966), bem como a obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), escrita em parceria com M. Horkheimer (1895-1973), a fim de atingir o objetivo proposto.

Palavras-chave: Pensamento da Identidade. Fetichismo. T.W. Adorno. Teoria Crítica.

Abstract: What I propose in this article is to demonstrate interpretively some connection points between the terms *unitary thought* and *fetishism* in T. W. Adorno's philosophy. This connection is part of a development, or an extension, of the concept of *fetishism* in the Adornian philosophy in which the evidence comes from two interpretive perspectives: [i] by an external interpretation of the Adorno's philosophy as a philosophical history of the concept; and [ii] by an internal interpretation of his philosophy, considering *fetishism* as *constellation* of element of his thought and consequently demonstrating its connection with the *unitary thought*. In the end, I will focus this internal interpretation to the Adorno's philosophy, using the work *Negative Dialectics* (1966), and the *Dialectic of Enlightenment* (1947), written with M. Horkheimer (1895-1973) in order to achieve the proposed aim.

Keywords: Unitary Thought. Fetishism. T.W. Adorno. Critical Theory.

* * *

O estudo do *fetichismo* se reporta à questão interpretativa de que maneira Adorno empregou um termo no âmbito da estética originalmente usado por Marx no âmbito da ciência política. Uma hipótese interpretativa que parece plausível é de que Adorno criou uma elaboração, uma ampliação, do conceito de *fetichismo* mesclando concepções marxiana e freudiana, além de relacioná-lo ao termo kantiano de *conformidade a fim sem fim*. Essa elaboração já é evidenciada na distinção do modo

¹ Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto-MG (UFOP). Professor Efetivo de Filosofia da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)/Unidade Ibirité. E-mail: fcs128@hotmail.com.

como foi expresso o termo pelos dois filósofos: Marx fez uso do termo *fetichismo da mercadoria*; por outro lado, Adorno fez uso do termo *fetichismo da mercadoria cultural*. A meu ver, essa elaboração do *fetichismo adorniano* torna-se clara a partir de duas perspectivas interpretativas: [i] por uma interpretação externa à filosofia de Adorno, tal como uma história filosófica do conceito; e [i.i.] por uma interpretação interna à sua filosofia, considerando o *fetichismo* como elemento constelar do pensamento adorniano.

Num artigo anterior, tratei de esclarecer minimamente o *fetichismo* sob a perspectiva de uma interpretação externa à filosofia de Adorno (SILVA, 2010). Por sua vez, no presente artigo, tratarei do *fetichismo* sob a perspectiva interna à sua filosofia. De que maneira farei isso? Expondo a hipótese de que a elaboração do *fetichismo* está intimamente ligada ao seu pensamento filosófico, ao seu “método” de *constelação*, demonstrando a conexão entre os termos *pensamento de identidade* e o *fetichismo*. Assim, nesse momento, passo a descrever como isso ocorre, explicitando a hipótese interpretativa que proponho.

No “método” de *constelação* de Adorno, há uma tentativa de composição constelar que aproxima os sentidos originais do *fetichismo* ao *pensamento da identidade*, configurando num complexo campo semântico. Isso quer dizer que longe de ser um conceito periférico no pensamento de Adorno, o *fetichismo* foi constantemente usado em sua obra como elemento constituinte de sua filosofia. Todavia, a ideia de *constelação*, cuja condição é a realização de um verdadeiro método dialético, não foi formulada originalmente por Adorno, mas sim por Walter Benjamin (BENJAMIN, 1984). Para Benjamin, *constelação* é um arranjo estrutural linguístico e complexo, em que vários conceitos são postos de tal maneira que se inter-relacionam simultaneamente, a fim de expressarem um momento dialético, cuja qualidade é eminentemente histórico-social. Assim, esse “método” estaria mais próximo de um método artístico pelo fato de não partir de uma mera análise do objeto, mas sim de uma tentativa de aproximação desse objeto do discurso de maneira tal que esse discurso chegue mais próximo da forma objetual descrita.

Tendo em vista a recepção da *constelação* de Benjamin em Adorno, pode-se entender melhor a ideia de que a imbricação entre *forma* e *conteúdo* como expressão de uma linguagem mais filosófica é imprescindível para a filosofia adorniana. Isso quer dizer que qualquer representação linguística do objeto, cuja condição é de separação

entre *forma* e *conteúdo*, falsificá-lo-ia de tal modo que o discurso se tornaria ingênuo e simplista por acomodar a relação entre o objeto e sua representação de modo direto e imediato, não problematizando, assim, a mediação necessariamente estabelecida por essa relação. Na verdade, esse “método” filosófico não partiria de tentativas de definições conceituais, delimitando termos com intuito de se formularem análises e postulações propensas às refutações. Ele partiria sim de uma tentativa de estabelecer um tipo de composição conceitual, em que os conceitos, ou os elementos, só teriam sentido inter-relacionados a uma *constelação* de outros conceitos, tal como uma composição artística. Para Adorno, esse “método” cumpriria com eficiência a finalidade de demonstrar quão complexa é a relação entre o objeto e sua representação.

Seria sob essa rubrica que o termo *fetichismo* imbricaria, de maneira constelar, com o que Adorno denominou de *pensamento da identidade*. Sobre essa imbricação, talvez um dos relatos mais reveladores partiu de Jürgen Habermas (1929), quando ele era assistente de Adorno no Instituto sobre Pesquisa Social. Interessante é que esse relato cria uma imagem muito precisa a qual ilustra bem o relacionamento dos dois filósofos e, de certa forma, soa um tanto quanto irônica, pois é também sobre esse ponto que Habermas posteriormente vai cometer seu “parricídio” teórico em relação ao pensamento de seu mestre Adorno². É claro que nesse artigo não seria conveniente adentrar na complexa querela entre Habermas e Adorno, mas tão-somente apontar a gênese do pensamento de Adorno sobre a relação entre o *fetichismo* e o *pensamento da identidade* pelo *insigth* que o filósofo teve, segundo o relato de Habermas:

No que diz respeito à relação teórica, então nunca se tratou de duas posições equilibradas [relação entre Adorno e Habermas]. Não creio que Adorno tenha lido um livro meu. Durante minha época de assistente, num certo sentido trabalhamos juntos. Adorno sempre leu intensivamente meus manuscritos e os cobria com suas anotações. Ele talvez tenha lido mais tarde um ou outro artigo meu. Ele também deve ter suposto, até meados dos anos sessenta, que nas motivações filosóficas não havia grandes diferenças entre nós. As discussões teóricas que às vezes levávamos a dois referiam-se sempre a textos dele. Quando eu ainda estava no Instituto, ele vinha ao primeiro andar, onde eu tinha uma sala em frente à de Gretel [esposa de Adorno], para

² Talvez um dos textos que isso fica mais evidente seja *O Entrosamento entre o Mito e o Iluminismo: Horkheimer e Adorno*, onde há argumentos do tipo: “A *dialética negativa* de Adorno lê-se como o prosseguimento da explicação do motivo pelo qual temos de andar em círculos nesta *contradição performativa* e, mais do que isso, persistir nela, por que motivo só o desenvolvimento insistente, incansável do paradoxo abre uma perspectiva de 'memoração da natureza no sujeito' de carga quase mágica, em cuja realização está encerrada a verdade mal compreendida de toda a cultura (DI, p. 55)” (HABERMAS, 1990, p. 120).

me comunicar um pensamento, uma inspiração que acabara de excitá-lo. Foi este o caso, por exemplo, quando ele achou que se lhe tornara clara, pela primeira vez, a *conexão interna entre o pensamento da identidade e a forma da mercadoria*. Quanto a isso, aliás, eu logo manifestei dúvidas, que então discutimos, sem que com isso eu tivesse podido impressionar Adorno. No que diz respeito às diferenças de grande envergadura, que seguramente já estavam plantadas, elas de fato me chegaram à consciência somente mais tarde” (*Grifo meu - FCS*) (HABERMAS *Apud* BARBOSA, 1996, p. 22-23) ³.

Ora, sabe-se que a expressão máxima da *forma mercadoria* é o *fetichismo*, desse modo, o *pensamento da identidade*, sob o ponto de vista de Adorno, estaria intimamente ligado ao *fetichismo*. Contudo, o que Adorno quis dizer com isso? Aqui a relação entre o *pensamento da identidade* e o *fetichismo* seria estabelecida através de uma semelhança de caráter conceitual, pois eles são tratados por Adorno como, digamos, conceitos “negativos”, ou seja, conceitos cujos sentidos devem ser esclarecidos com o propósito de apontar o que não se deve fazer, tal como um diagnóstico que descreve patologias com intuito de evitá-las quando as pessoas se tornam cômicas delas. Na verdade, o sentido do *fetichismo* se constitui de uma aceção com referência na realidade do que não deveria ocorrer de fato, servindo como diagnóstico de um acontecimento na modernidade que deve ser evitado. De modo semelhante, o *pensamento da identidade* teria a mesma aceção “negativa” constituinte do termo *fetichismo*.

Para Adorno, esse tipo de pensamento prevaleceu na história da humanidade, configurando-se como um *modus operandi* dado pela adequação (*adaequatio*) das multiplicidades do real a um conceito universal. Esse tipo de pensamento é considerado parcial pelo fato de não considerar a multiplicidade do real hipostasiada pelo conceito, formulando um tipo de teoria composta por uma relação unívoca entre o conceito e conceituado. Em contraposição a isso, seria necessário para Adorno um tipo de pensamento que traz à tona essa multiplicidade do real ao conceito, demonstrando o seu aspecto de *não-identidade* que seria obnubilado pelo conceito identitário, sem obnubilarem também, por sua vez, a identidade. Essa *não-identidade* sempre estaria relacionada ao aspecto histórico-social do conhecimento como parte de sua constituição.

De fato, a concepção de identidade está relacionada à sua origem advinda da Filosofia Moderna, contendo muitos sentidos. Um desses sentidos se refere à unidade da

³ HABERMAS, J. *Eine Generation von Adorno Getrennt*. In: FRUCHTL, J. & CALLONI, M. (Org). *Geist Gegen den Zeitgeist. Erinnern an Adorno*. Frankfurt, Suhrkamp, 1991.

consciência do indivíduo como possuidor de um *Eu* que teria a capacidade de se manter idêntico dentro da variação de tempo e de espaço, constituindo-se de suas experiências personalíssimas. Seria esse sentido a que a concepção moderna de identidade dada por Kant se reportou, quando ele declarou que o *eu penso* da *apercepção transcendental* é uma condição *sine qua non* de todas as representações feitas pelos sujeitos universalmente. Num outro sentido, a identidade se referiria a “o legalmente igual em todas as essências dotadas de razão, pensamento enquanto universalidade lógica”, (ADORNO, 2009, p.124) o que poderia ser expresso pela tautologia de $A=A$, em que há uma igualdade consigo mesmo de todo objeto do pensamento. Por fim, um último sentido pode ser o da identidade sob o ponto de vista da teoria do conhecimento através da coincidência entre objeto e sujeito independente de como se estabelece a mediação entre eles. Decerto, o que a identidade pode designar não é um mero descaso a um rigor linguístico mais apurado na demonstração, mas sim uma incompletude em estabelecer uma relação entre o universal e o particular, como bem esclarece a seguinte citação:

A identidade designa muito mais o ponto de indiferença entre o momento psicológico e o lógico no idealismo. A universalidade lógica enquanto a universalidade do pensamento é ligada à identidade individual, sem a qual ela não chegaria a termo porque, de outro modo, nenhum passado seria fixado em algo atual, e, com isso, não seria fixado absolutamente nada enquanto igual. O recurso a isso pressupõe uma vez mais a universalidade lógica; ele é um recurso do pensamento. O “eu penso” kantiano, o momento individual da unidade, sempre exige também o universal supraindividual. O eu particular só é um em virtude da universalidade do princípio numérico da unidade; a unidade da própria consciência é uma forma de reflexão da identidade lógica. O fato de uma consciência individual ser uma só vale sob a pressuposição lógica do terceiro excluído: o fato de ela não dever poder ser uma outra. Nessa medida, sua singularidade, para ser apenas possível, precisa ser supraindividual. Nenhum dos dois momentos tem prioridade em relação ao outro. Se não houvesse nenhuma consciência idêntica, nenhuma identidade de particularização, então não haveria nem algo universal nem o inverso. Assim, legitima-se em termos de teoria de conhecimento a concepção dialética do particular e do universal (ADORNO, 2009, p. 124-125, *nota.*).

Ao que tudo indica, o *pensamento da identidade* está vinculado a toda tradição filosófica desde então, tendo como contrapartida libertadora a *dialética negativa* formulada por Adorno: “A expressão 'dialética negativa' subverte a tradição. Já em Platão, 'dialética' procura fazer com que algo positivo se estabeleça por meio do pensamento da negação; mais tarde, a figura de uma negação da negação denominou

exatamente isso” (ADORNO, 2009, p. 7). Assim, sob o ponto de vista de Adorno, a tradição filosófica ocidental, desde sua origem, fundamentou-se pelo *pensamento da identidade*. Isso reporta tanto à “escola” do idealismo em seu primórdio, de Platão até Hegel, perpassando por Husserl e Bergson; como à “escola” do empirismo, tendo como ápice o positivismo do Círculo de Viena. Para Adorno, ambas as “escolas” se fundamentam no *pensamento da identidade* ao seu modo. No caso do idealismo, esse pensamento se constituiu de uma exacerbação do primado do sujeito em detrimento do primado do objeto, de uma hipostasiação do *eu penso* como constituição do saber. No caso do empirismo, constituiu-se de certa exacerbação do primado do objeto desmembrado de seu caráter de mediação do sujeito, cuja formação se constituiria essencialmente de maneira histórico-social. Em suma, o *pensamento da identidade* está relacionado: [i] à crença de que a relação entre o conceito e o conceituado se constituiria de forma imediata; [i.i] ao descaso à experiência como portadora de conhecimento; e [i.i.i] ao pensamento sistemático como pensamento filosófico.

A aproximação dos sentidos do *fetichismo* ao *pensamento da identidade* formando um complexo campo semântico nos dá uma pista da intenção última de Adorno de estabelecer uma coerência filosófica. Captando essa coerência podemos remeter a outros textos dos filósofos, com o intuito de esclarecer pontos interpretativos de sua filosofia. Tendo isso em mente que se pode vislumbrar uma interpretação da *Dialética do Esclarecimento*, mesmo sendo uma obra anterior à *Dialética Negativa*⁴. Vejamos então como que se estabelece a tese central da *Dialética do Esclarecimento* para depois relacioná-la ao *pensamento da identidade*.

Assim sendo, a tese central da *Dialética do Esclarecimento* é a ideia de que haveria uma confluência entre o mito e o Esclarecimento em suas constituições originais, estabelecendo-se quase como um enigma da formação humana⁵. Isso quer

⁴ Alguns comentadores percebem que as obras de Adorno foram sofrendo um processo progressivo de desenvolvimento filosófico. Outros até declaram que a obra *Dialética do Esclarecimento* difere integralmente da obra *Dialética Negativa*, tanto pela intenção como pelos temas tratados. No entanto, meu objetivo aqui é captar uma intenção última de Adorno em relação às questões filosóficas mais gerais. Isso faz com que se possa declarar que há uma intenção ou assunção de opiniões, digamos, adorniana de tratar certos assuntos filosóficos.

⁵ Se toda a obra *Dialética do Esclarecimento* baseia-se na ideia de uma “proto-história”, isso não quer dizer que seria uma obra de cunho historiográfico, de descrições de momentos particulares com referências à realidade, a fim de encontrar uma inteligibilidade mínima dos fatos narrados. Se assim fosse essa obra não resistiria ao crivo de uma epistemologia histórica. Apesar de o exercício da interpretação não ser uma atividade cientificamente mais dura e comprovável, penso que a *Dialética do Esclarecimento* estaria embasada numa tentativa de universalização de questões humanas ao estilo da Filosofia europeia ocidental, remetendo às questões já tradicionais desses estilos. Assim, nessa interpretação haveria ecos da

dizer que, desde a origem, o mito já era um tipo de Esclarecimento pelo fato de ele ser uma tentativa de dominação do homem sobre a natureza. Seria por essa razão que o Esclarecimento, um tipo de evolução do mesmo princípio de dominação, muito provavelmente, cairia numa mitificação do mundo. De fato, a *Dialética do Esclarecimento* recepcionou duas ideias de uma antropologia filosófica as quais tentaram explicar a modernidade: [i] o *desencantamento do mundo* de Max Weber; e [i.i] o *domínio da natureza* de Ludwig Klages (*Conforme WIGGERSHAUS, 2006, p. 358*). Grosso modo, domínio da natureza seria uma condição inevitável do processo civilizatório, reportando a uma etapa da vida humana, na qual o homem e a natureza seriam indistintos. Contudo, com o advento do pensamento, o homem separou-se dessa natureza, diferenciando-se a sua natureza interna da natureza externa e, conseqüentemente, estabelecendo uma outra etapa da vida humana. Com isso, a primeira etapa seria considerada o grau excelso da felicidade humana com grande capacidade de atração, onde o homem vivia em puras pulsões selvagens em harmonia e indiferenciação com a natureza. Assim, a renúncia da felicidade seria a própria manifestação do pensamento que necessita de uma individuação, de um *Eu* coerente e constante para se manter. Conseqüentemente, essa renúncia obrigou o homem a um esforço tremendo de enfraquecimento da natureza tanto interna como externa. Da natureza interna, reduzindo a satisfação de seus desejos imediatos; e da natureza externa, desencantando-a pelo fato de ela lembrar tanto um estado primevo de felicidade como um medo de abandono daquela primeira etapa. Sob o ponto de vista de Adorno e

crítica de Aristóteles sobre a poesia que seria mais verdadeira do que a história por se ater mais às questões universais. Diante disso, os fatos citados na *Dialética do Esclarecimento* pautariam mais por uma tentativa de poder mimético, de ilustração e de alegoria, tal como numa literatura, com alto poder de efeito ilustrativo e apelativo com pretensões à universalidade. Seria sob esse aspecto que GhiraldeLLi opina sobre essa obra: “[...] pois a maneira como Hegel – e também os frankfurtianos – trata o Iluminismo implica tomá-lo como um movimento bem determinado no âmbito da história, mas, no campo da Filosofia, como um conjunto de práticas possíveis de serem imputadas a outras épocas. Nem Hegel nem os frankfurtianos acreditaram que a Filosofia não pudesse criar anacronismos com termos históricos, deslocando-os para qualquer época. Aliás, essa é uma das vantagens da Filosofia sobre a história, a de poder se libertar da regra científica da historiografia, que torna o anacronismo o grande pecado do historiador. O pecado do historiador é a virtude do filósofo. Fiquemos atentos, então, pois o livro *Dialektik der Aufklärung* não é um livro de história. Trata-se de um livro de Filosofia, como forte conteúdo histórico” (GHIRALDELLI, 2010, p. 3-4). De modo semelhante, sob uma interpretação mais ostensiva e atual, ao molde da dialética materialista, sugere Zamora sobre essa proto-história: “Desde o ponto de vista conceitual ‘proto-história’ não se refere a algumas origens situadas no passado, mas a algo que constitui o presente. A questão não é oferecer uma explicação da gênese do presente a partir do passado temporal, mas permitir um olhar sobre o presente desde configurações que rompem com suas próprias obnubilações, configurações do mito e Modernidade, natureza e história, velho e novo, sempre igual e diferente, destruição e salvação. Trata-se de ler a história a contrapelo por meio da dialética entre progresso e regressão, mito e racionalidade ou antissemitismo e Iluminismo” (ZAMORA, 2004, p. 113, n. 3).

Horkheimer, o advento do pensamento seria nada mais do que o processo de uma identificação, de individuação do *Eu*, com a renúncia hedonista que visa a dominar a natureza, ou seja, a própria manifestação do *pensamento da identidade*. Ademais, para os autores, o *desencantamento do mundo* é o efeito da renúncia do homem ao hedonismo de sua natureza interna originária - advinda de uma felicidade rompida quando ele era indiferenciado da natureza - projetado na natureza externa.

Ora, o *fetichismo* sempre foi vinculado, desde sua origem conceitual, ao pensamento mítico. Se o Esclarecimento e o mito são confluentes na perspectiva de Adorno e Horkheimer, provavelmente, o processo do Esclarecimento estaria imbricado também a um processo de fetichização, cuja constituição mesclaria aquelas ideias fundamentais do *desencantamento do mundo* com as do *domínio da natureza*, ou seja, o *pensamento da identidade*.

Nesse momento, já se pode adiantar uma chave de interpretação do *fetichismo* adorniano voltada especificamente à sua filosofia. O que eu quero dizer é que mesmo pelo fato de que Adorno tenha feito uso dos termos *fetichismos* marxiano e freudiano, além do termo *conformidade a fins sem fim* kantiano (Conforme SILVA, 2010), o *fetichismo adorniano* não remeteria, de modo restrito, tal como esses termos reportaram, respectivamente, a um sentido de crítica da Economia Política, a uma descrição psíquica de um tipo de patologia sexual, ou uma tentativa de dicotomizar uma autonomia de uma heteronomia da Arte. Ou mesmo, reportar a um sentido antropológico vinculado à descrição de comportamentos e de práticas sociais de povos primitivos. Adorno, e Horkheimer, no caso da *Dialética do Esclarecimento*, utilizou-se do termo *fetichismo* para uma elaboração conceitual de grande originalidade, misturando todos esses sentidos supramencionados, a fim de demonstrar as condições de desvio do Esclarecimento como ideário fundamental da civilização europeia ocidental. O *fetichismo* demonstraria uma *condição de fato* de irracionalidade humana, de estado de barbárie contrabalançada pela ideia de um *dever ser* pela *não-identidade*, pelo reconciliação do homem com a natureza. No caso de Adorno, essa reconciliação é evidenciada através de certas obras de Artes exemplares, principalmente na música, através do *belo natural em si*. Enfim, essa seria a chave de leitura que proponho ao *fetichismo* como elemento da constelação adorniana: um dos conceitos que demonstraria o aspecto de positividade do *mundo administrado*, dado pela ciência, pela moral e pela Arte irreconciliados com a natureza, desde a origem do pensamento, que deve ser

combatidos por uma ideia, digamos, hedonista, da vida humana reconciliada. Vida essa na qual existiria a possibilidade de reconciliação entre o homem e a natureza, tanto interna quanto externa, bem como entre o homem e a sociedade através de um tipo de razão que pautasse pela felicidade humana. A esperança de que isso ocorra seria vislumbrada pelo fato de existir em certas obras de Arte autêntica uma efetiva reconciliação, servindo como cifras a serem seguidas, como se fossem uma utopia concreta consagrada pela união pacífica entre *mímeses* e racionalidade. Não por acaso, o termo *fetichismo* reportaria aos seguintes aspectos: a ciência, a sociedade, a psique e a Arte.

Com efeito, se o termo *fetichismo* sofreu uma elaboração por parte de Adorno em consonância ao seu pensamento, qualquer desdobramento externo dessa elaboração que se possa fazer deverá ser feita pautada por essa consonância. Isso quer dizer que tentei estabelecer nesse artigo não apenas uma mera recepção das acepções de *fetichismo* já consagradas, mas uma tentativa de demonstrar que houve uma ultrapassagem por parte de Adorno com intuito de formulação de um pensamento filosófico original.

Referências

- ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, T. W. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BARBOSA, R. C. *Dialética da Reconciliação: Estudo sobre Habermas e Adorno*. Rio de Janeiro: Uapê, 1996.
- BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- GHIRALDELLI Jr, P. *O que é a Dialética do Iluminismo?* Barueri, SP: Manole, 2010.
- HABERMAS, J. O Entrosamento entre o Mito e o Iluminismo: Horkheimer e Adorno. In: *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Tradução de Sara Cabral Seruya. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990, p. 109-155.
- SILVA, F. C. O Conceito de Fetichismo da Mercadoria Cultural de T. W. Adorno e M. Horkheimer: Uma Ampliação do Fetichismo Marxiano. In: *Kínesis* (Marília), v. 2, p. 375-384, 2010.
- WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt: História, Desenvolvimento Teórico, Significação Política*. 2 ed..Rio de Janeiro: Difel, 2006.
- ZAMORA, J. A. *Th. W. Adorno: Pensar contra a Barbárie*. Tradução de Antônio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.